18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DE ESPAÇOS LIVRES PARA A QUALIDADE DE VIDA:

Um Estudo de Praças e Parques da Zona Leste de Teresina – PI.

ST2 – Paisagens e Territórios

SOCIAL AND SPATIAL DISTRIBUTION OF OPEN SPACES FOR WELL-BEING:

A Study for Squares and Parks in the Eastern Land of Teresina, Piauí, Brazil.

BANDEIRA, Maria Eunice Barbosa
Graduada em Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal do Piauí | Teresina, PI, Br | mebbandeira@icloud.com | ORCID: 0009-0005-2567-9130

LOPES, Wilza Gomes Reis
Professora Doutora do Departamento de Construção Civil e Arquitetura | Universidade Federal do Piauí - UFPI | Teresina, PI, Brasil | wilza@ufpi.edu.br | ORCID: 0000-0002-3567-6831

MATOS, Karenina Cardoso
Professora Doutora do Departamento de Construção Civil e Arquitetura | Universidade Federal do Piauí - UFPI | Teresina, PI, Brasil | karenina@ufpi.edu.br | ORCID: 0000-0002-3719-6217

ROCHA, Mariana Aquino
Graduada em Arquitetura e Urbanismo |Universidade Federal do Piauí – UFPI | Teresina, PI, Br | mariana.arqufpi@gmail.com | ORCID: 0009-0000-3792-6366

RESUMO

No meio urbano, a saúde física e mental está intrinsecamente ligada à presença de espaços livres e áreas verdes, que possibilitem o lazer, o encontro, a prática cultural e o equilíbrio dos sistemas. Para este trabalho, foi realizado um estudo dos espaços livres públicos para a Zona Leste da cidade de Teresina – Piauí, objetivando a análise de sua distribuição socioespacial e a relação desse fator com a qualidade de vida. Foram considerados aspectos como: a vulnerabilidade social (densidade habitacional, renda, índices de violência e adoecimento, distribuição de vilas e favelas); a possibilidade de prática de lazer ativo e passivo; através de revisão documental e bibliográfica, visitas in loco e mapeamentos digitais, durante os meses de outubro de 2024 e setembro de 2025. Ao todo, foram estudados 13 parques urbanos e 60 praças, nos quais foram identificados os bairros que carecem de mais espaços livres, e quais atividades específicas para cada grupo social têm menor enfoque. Ao final, concluiu-se que o extremo da Zona (área mais periférica) é a área mais vulnerável socioeconomicamente e também a que apresenta menor quantidade de espaços livres e de equipamentos para lazer, com destaque aos bairros Satélite, Vale Quem Tem, Verde Lar e Árvores Verdes.

Palavras-chave: saúde, urbanismo, paisagismo.

ABSTRACT

In the urban context, mental and physical health is connected to the existence of public open spaces and green areas for leisure, gatherings, cultural manifestations and the balance of ecosystems. This paper is a study in regards to the eastern land of Teresina, Piauí, Brazil, focused on identifying the social and spatial distribution of squares and parks in relation to human health. Aspects include social vulnerability (housing density, income, rates of violence and illness, distribution of slums and favelas) and the possibility for active and passive leisure; and were collected through documentary and bibliographic review, on-site visits and digital mapping, between the months of October 2024 and September 2025. Overall, 13 parks and 60 squares were studied, in which were identified the most vulnerable neighborhoods that lack open public spaces and which social groups were the most undervalued. In conclusion, the farthest areas from the center were the most vulnerable economically and also the ones with the smallest number of squares and parks, especially the neighbourhoods Satélite, Vale Quem Tem, Verde Lar and Árvores Verdes.

Keywords: *Health, Urbanism, Landscaping.*

1 INTRODUÇÃO

O crescimento populacional continua em alta na maioria das cidades, devido à atração que os centros urbanos exercem quanto à procura por melhores oportunidades de emprego, de serviços de saúde e de educação – de forma a aumentar, então, a demanda por áreas construídas e por espaços livres que atendam as necessidades básicas dessa população. Segundo Labaki et al. (2011, p. 1), a partir do grande crescimento da população urbana e consequente demanda por espaços, ocorreram transformações drásticas no ambiente natural e construído das cidades – de maneira a acarretar, muitas vezes, prejuízo na qualidade de vida de seus habitantes.

Com isso, diversos são os argumentos para justificar a importância do planejamento urbano com foco nos espaços livres públicos e áreas verdes. Matos (2010, p. 18), por exemplo, destaca o valor desses ambientes para o lazer, afirmando que, "o ordenamento dos espaços públicos, sobretudo os de lazer, é actualmente um dos aspectos vitais para a revitalização e a qualidade de vida no meio urbano". Enfatiza-se, então, a necessidade da presença de espaços livres que possibilitem o lazer dos habitantes; e de áreas com vegetação para se obter cidades mais saudáveis. Na visão de Caiaffa et al. (2008, p. 1787), não é possível estudar e planejar as cidades adotando-se uma visão pontual e individualizada, considerando que os "fatores determinantes na saúde e suas consequências, antes reducionista, não pode ignorar as relações de interdependência que existem entre o indivíduo e o meio físico, social e político onde ele vive e se insere".

Neste sentido, Londe e Mendes (2014, p. 269) afirmam que as áreas verdes urbanas, "além de atribuir melhorias ao meio ambiente e ao equilíbrio ambiental, contribuem para o desenvolvimento social e traz benefícios ao bem-estar, à saúde física e psíquica da população [...]". Szeremeta e Zannin (2013, p. 182), por sua vez, ressaltam a importância dos parques urbanos, afirmando que "é possível verificar importantes benefícios à saúde física e mental. O que torna imprescindível a implantação destes espaços para ajudar na melhoria da saúde coletiva e bem estar", pois eles possibilitam a convivência dos habitantes com áreas vegetadas e a prática regular de atividades físicas.

Segundo Miranda, Morato e Kawakubo, (2012, p. 34) em estudo desenvolvido na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, a "presença de vegetação foi considerada um fator de fundamental importância para a avaliação da qualidade de vida por considerar a arborização urbana como elemento que interfere na qualidade de vida". Em estudo anterior, realizado em Taboão da Serra, São Paulo, Morato *et al.* (2005) destacam ainda que, na pesquisa, o mais eficiente é selecionar a eficácia dos indicadores para descrever a qualidade de vida, e não necessariamente o maior número deles. Ao fim, foi verificada uma relação direta entre qualidade de vida, distribuição das áreas verdes e a renda média – ou seja, bairros mais favorecidos economicamente tendem a ser mais arborizados e possuir mais áreas verdes livres estruturadas para lazer.

Para Almeida, Cota e Rodrigues (2020, p. 3859), é impossível, "atuar na proteção da saúde das pessoas sem realizar cuidados básicos ao meio ambiente, assim como, não se pode falar em danos ao meio sem associar às repercussões na saúde individual e coletiva": assim, não se pode dissociar a relação entre os aspectos de qualidade urbana da saúde da população. Diante de todo esse contexto, faz-se necessária a ampliação da discussão sobre a oferta de espaços livres em relação aos critérios socioeconômicos da população para a qual eles são projetados.

O estudo se propõe a analisar a distribuição socioespacial de praças e parques da Zona Leste da Cidade de Teresina – PI. De todas as zonas da cidade, a Zona Leste é a que apresenta maior discrepância de renda domiciliar é a maior segundo dados do IBGE de 2010[1]: bairros do núcleo central correspondem a uma média superior a 20 salários mínimos, enquanto os bairros periféricos em sua maioria estão entre 1 e 2 salários mínimos, e alguns ainda inferior a 1 salário mínimo (Teresina, 2026). O estudo foi dividido em quatro etapas principais, das quais se enumeram: revisão bibliográfica; definição de tópicos de análise; mapeamento digital; visitas in loco; coleta, registro e análise de dados.

Como procedimento metodológico, foi inicialmente realizado levantamento de dados secundários sobre as áreas estudadas, obtidos em órgãos institucionais, como IBGE, Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPLAN) e Superintendência de Ações Administrativas Descentralizadas Leste (SAAD Leste). Para a análise da disponibilidade, distribuição e abrangência de espaços livres no contexto estudado, foram considerados: densidade demográfica dos bairros, presença de vilas e favelas, índices de violência e de adoecimento, tipos de lazer (ativo, passivo; e disponibilidade de equipamentos específicos por faixa etária), destacando os pontos mais críticos em relação à carência de equipamentos. Foi considerado o raio de influência de 400 m para as praças, e a capacidade de influência geral dos parques para toda a cidade – de acordo com os acessos disponíveis para cada um.

Foram elaborados Mapas Georreferenciados com a utilização do programa QGIS (QGIS, 2026), alimentados por dados secundários, obtidos em órgãos institucionais. Para o processo de identificação e mapeamento foram utilizadas, também, imagens de satélite dos programas Google Earth e Google Maps (Google Earth, 2024), adaptadas conforme necessidade representativa, com o software Photoshop.

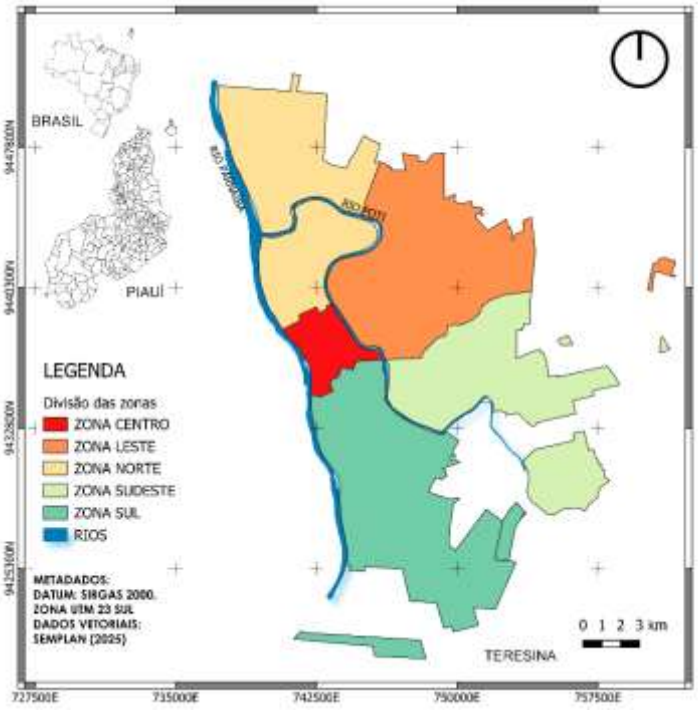
Além disso, foram realizadas visitas a alguns bairros da zona Leste de Teresina, durante os meses de setembro de 2024 e março de 2026, para avaliação visual e registro gráfico por meio de desenhos, croquis e documentação fotográfica. Por fim, foram desenvolvidas discussões sobre a relação entre espaços livres de lazer e de áreas verdes e qualidade de vida urbana considerando índices de segurança e de saúde.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, foi fundada oficialmente no ano de 1852, a partir da necessidade de transferência do centro administrativo antes localizado na cidade de Oeiras (região centro-sul do estado), motivada por interesses políticos e econômicos – sobretudo quanto à proximidade ao Rio Parnaíba como meio de articulação às demais cidades (Freitas, 1988). Com o passar dos anos, estimulada por fatores vários, a cidade se expandiu em direção às regiões norte, sul, leste e sudeste. Atualmente, para melhor divisão administrativa da região, tem-se a divisão administrativa da Secretaria Municipal de Planejamento (Teresina, 2026) na qual são destacadas quatro Zonas para Teresina: Centro, Norte, Sul, Leste e Sudeste – como mostrado na Figura 1.

[1] A Secretaria de Planejamento de Teresina apresenta como dados mais atualizados – por região (zona) e bairro – aqueles obtidos com o censo do IBGE do ano de 2010.

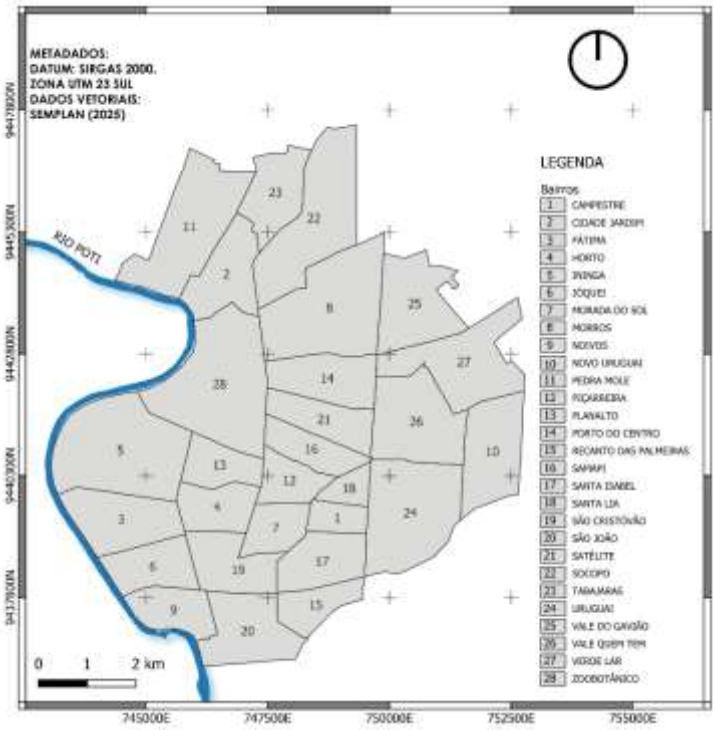
Figura 1: Divisão por zonas, Teresina – PI.



Fonte: Eunice Bandeira (2026).

No caso desta pesquisa, delimitou-se o recorte da Zona Leste (Figura 2), a qual é composta pelos bairros: Noivos, Jóquei, Fátima, Ininga, Horto, Planalto, Zoobotânico, São Cristóvão, Morada do Sol (bairros do núcleo central da Zona Leste); São João, Recanto das Palmeiras, Santa Isabel, São João, Campestre, Samapi, Santa Lia, Piçarreira, Satélite, Uruguai, Novo Uruguai, Vale Quem Tem, Porto do Centro, Vale do Gavião, Árvores Verdes, Verde Lar, Morros, Socopo, Pedra Mole, Cidade Jardim e Tabajaras (bairros um pouco mais afastados). Destaca-se, porém, que de acordo com os arquivos disponibilizados pela prefeitura para mapeamento, o bairro Árvores Verdes está representado como parte integrante do bairro Verde Lar na Figura 2 – um reflexo do crescimento rápido e desordenado dessa região.

Figura 2: Bairros da Zona Leste, Teresina – PI.



Fonte: Eunice Bandeira (2026).

No quadro 1, estão listados os bairros da Zona Leste de Teresina, com respectiva população, baseado em dados do censo de 2022 (IBGE, 2022). A análise da distribuição dos espaços livres foi possibilitada através de um arquivo georreferenciado disponibilizado pela Prefeitura com parques (13) e praças – assim, todas as praças presentes (44) estão marcadas como "registradas". Porém, foram ainda identificadas pelas autoras 16 áreas que apresentam função social e ambiental de praças, apesar de não estarem no arquivo da Prefeitura: portanto, estão identificadas como "sem registro".

Quadro 1: População por bairro e espaços livres existentes.

CÓDIGO	BAIRRO	Nº DE HABITANTES (IBGE 2022)	ESPAÇOS LIVRES
1	Campestre	5.107	0 praças, 1 parque
2	Cidade Jardim	5.557	1 praça registrada
3	Fátima	8.236	2 praças registradas; 2 parques
4	Horto	7.392	1 praça registrada e 1 sem registro

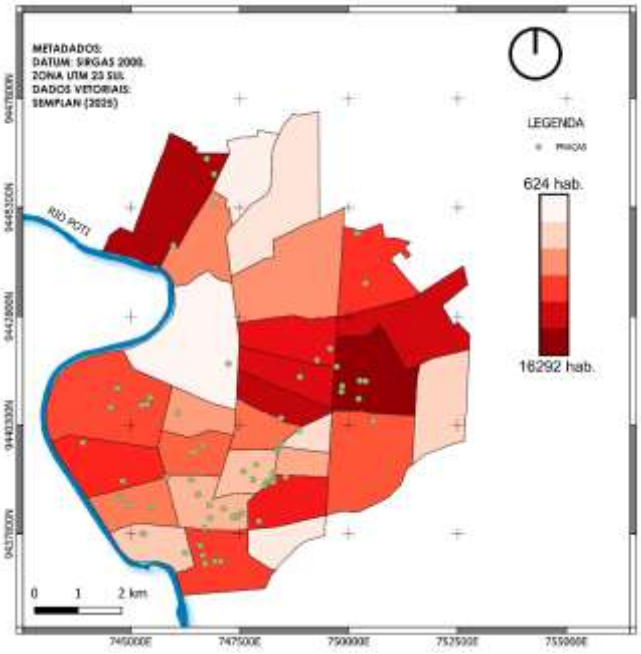
5	Ininga	7.699	4 praças registradas e 1 sem registro; 3 parques.
6	Jóquei	6.827	3 praças registradas e 1 parque
7	Morada do Sol	4.402	5 praças registradas e 2 sem registro
8	Morros	5.470	0
9	Noivos	3.326	2 praças registradas, 3 parques
10	Novo Uruguai	3.158	0
11	Pedra Mole	13.890	2 praças registradas
12	Piçarreira	6.887	1 praça registrada, 1 parque
13	Planalto	5.315	1 praça registrada
14	Porto do Centro	9.294	2 praças sem registro
15	Recanto das Palmeiras	2.337	0
16	Samapi	11.790	1 praça sem registro
17	Santa Isabel	8.337	3 praças registradas e 1 sem registro
18	Santa Lia	2.865	1 praça registrada
19	São Cristóvão	4.982	9 praças registradas
20	São João	8.099	4 praças registradas
21	Satélite	10.090	1 praça registrada
22	Socopo	2.427	0
23	Tabajaras	1.152	1 praça sem registro
24	Uruguai	7.581	1 praça sem registro
25	Vale do Gavião	8.184	1 praça registrada e 1 sem registro, 1 parque

26	Vale Quem Tem	16.292	2 praças registradas e 4 sem registro
27	Verde Lar	11.544	0
27*	Árvores Verdes	2.258	0
28	Zoobotânico	624	1 praça sem registro, 1 parque

Fonte: IBGE (2022) e SEMPLAN (2025), adaptado pelas autoras (2026).

Quanto à distribuição por número de habitantes, nota-se que o planejamento dos espaços livres e áreas verdes não acompanhou a grande expansão da Zona, o que se reflete em periferias com densidade populacional considerável, porém menos infraestrutura. Assim, nota-se uma grande discrepância quanto à distribuição das praças, visto que os bairros mais antigos e estruturados recebem maior concentração desses equipamentos; enquanto que bairros mais recentes, sem o planejamento adequado e, portanto, maior densidade populacional, recebem menos – ou nenhum – espaços livres.

Figura 3: Distribuição das praças em relação ao número de habitantes por bairro.

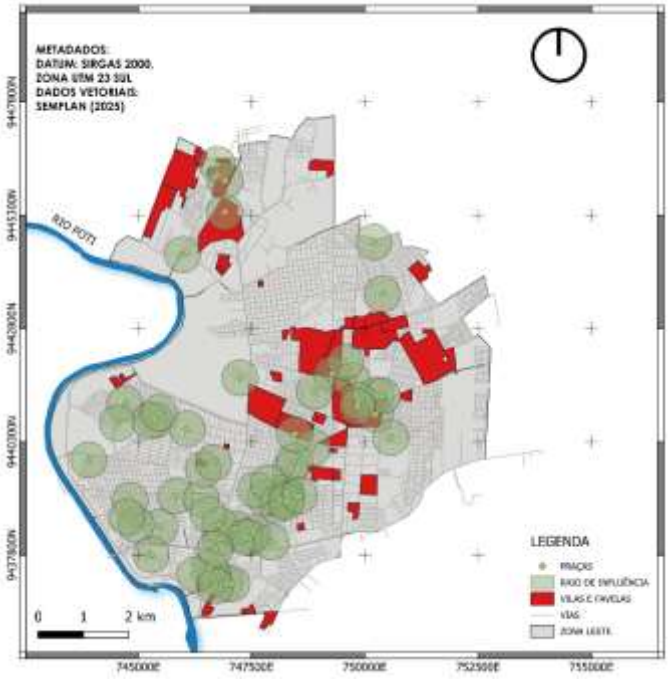


Fonte: Eunice Bandeira (2026).

Segundo dados do IBGE em 2022, a cidade de Teresina apresenta 170 comunidades e favelas. Destaca-se que, das quais a Região Administrativa (RA) Leste é a que apresenta maior número de pessoas, tendo sido contabilizados, ao todo, 56.583 habitantes distribuídos entre 44 comunidades (Lopes, 2024). Nesse sentido, pode-se traçar uma comparação entre as Figuras 3

e 4 a partir da definição de que bairros com maior densidade populacional são, também, bairros com maior concentração de vilas e favelas; e, de forma geral, áreas menos contempladas pelo sistema de espaços livres, concomitantemente.

Figura 4: Praças em relação a vilas e favelas, raio de influência de 400m.



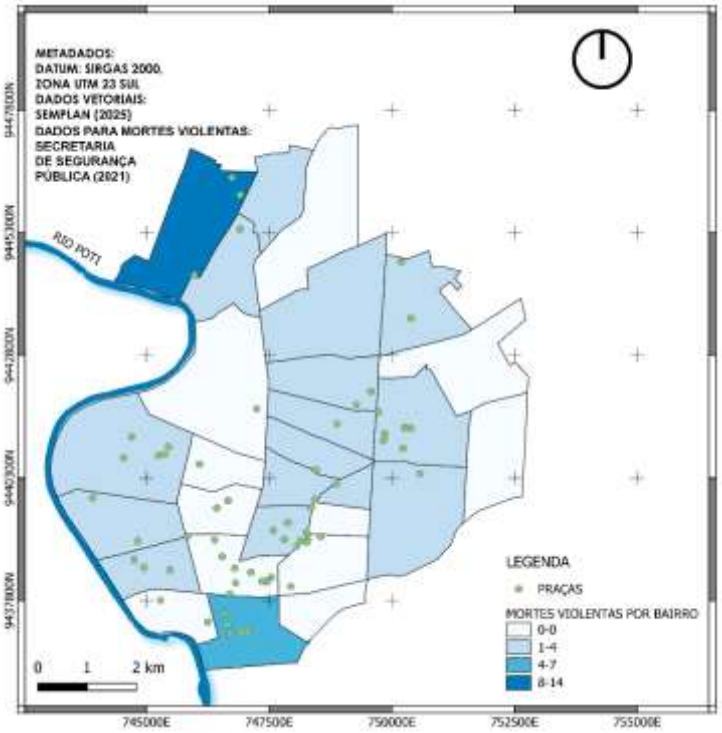
Fonte: Eunice Bandeira (2026).

Para análise dos índices de violência, foi feita a pesquisa envolvendo notícias e mapas encontrados nos principais veículos de notícias da cidade, com foco nos homicídios e nos assaltos. É necessário destacar que, para o ano de 2023, a cidade era a segunda do país com maior número de roubos e furtos de celular para cada 100mil habitantes (Marreiros, 2024). Para as taxas de roubos em geral, é possível traçar um panorama da zona através da comparação entre bairros: para os anos de 2019 e 2020, os bairros com maiores índices de roubos eram Uruguai, Vale Quem Tem, Satélite, São João e Pedra Mole (Roubos, 2021).

Já para os índices de mortes violentas intencionais: a Secretaria de Segurança divulgou, em 2023, uma lista de bairros com maiores índices de homicídios violentos por zona, dos quais a Zona Leste apresenta os bairros Pedra Mole e Samapi (Fontenele, 2023). Ainda nessa notícia, foi disponibilizada a lista com os bairros com maior número de roubos violentos, dos quais estão na Zona Leste: Pedra Mole, Cidade Jardim, Vale do Gavião, Satélite, Porto do Centro, Árvores Verdes, Verde Lar, Santa Lia e Vale Quem Tem. Ressalta-se, então, que estes bairros apresentam maior vulnerabilidade na questão de segurança e consequentemente, menor qualidade de vida. Nesse sentido, destaca-se que o bairro com os maiores índices de mortes violentas apresenta apenas três espaços livres, distribuídos apenas em suas extremidades (Figura 5); e que os demais

bairros com maiores índices de roubos violentos da zona são os periféricos, também deficitários na distribuição de espaços livres.

Figura 5: Distribuição das praças em relação aos índices de morte violenta intencional por bairro.

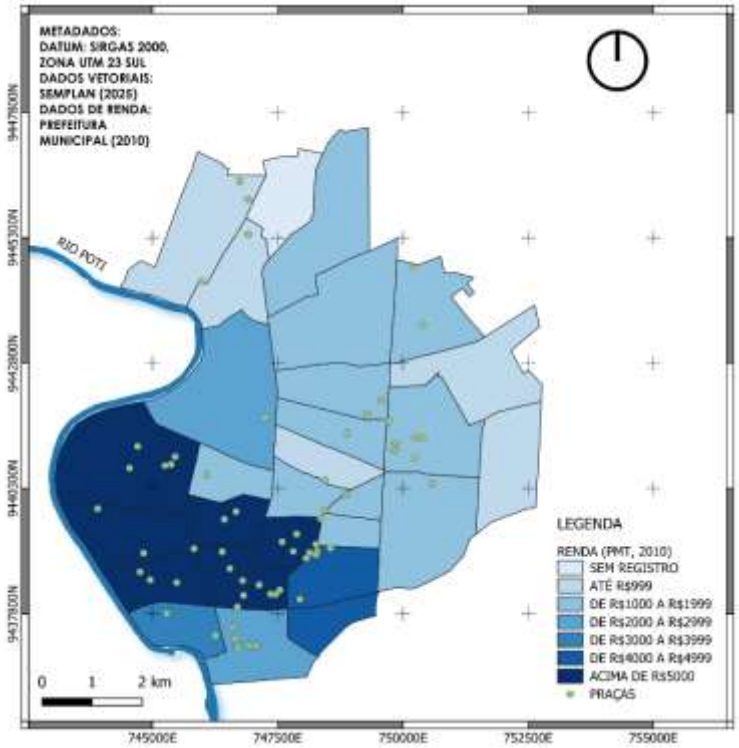


Fonte: Eunice Bandeira (2026).

Já em relação aos casos de adoecimento, registra-se que, em 2024, os bairros com maior notificação de casos de dengue da cidade foram Satélite e Vale Quem Tem, ambos na Zona Leste (Satélite, 2024). Já em relação aos casos de COVID 19 no ano de 2021, sabe-se que, na Zona Leste, os bairros Satélite e Vale Quem Tem lideravam em números de casos em relação aos demais bairros da Zona (Guimarães, 2021).

Já em relação ao critério de renda, nota-se uma grande discrepância quanto à distribuição das praças no tecido urbano. O núcleo central da Zona Leste, que apresenta maior renda em toda a cidade, apresenta grande quantidade e praças distribuídas; porém os bairros com menor renda apresentam quantidade muito pequena e distribuição extremamente irregular das praças – o que apenas reitera a grande desigualdade social na cidade de Teresina (Figura 6), já que a população que mais precisa desses espaços é também a menos favorecida em relação a eles, tanto em distribuição quanto em qualidade.

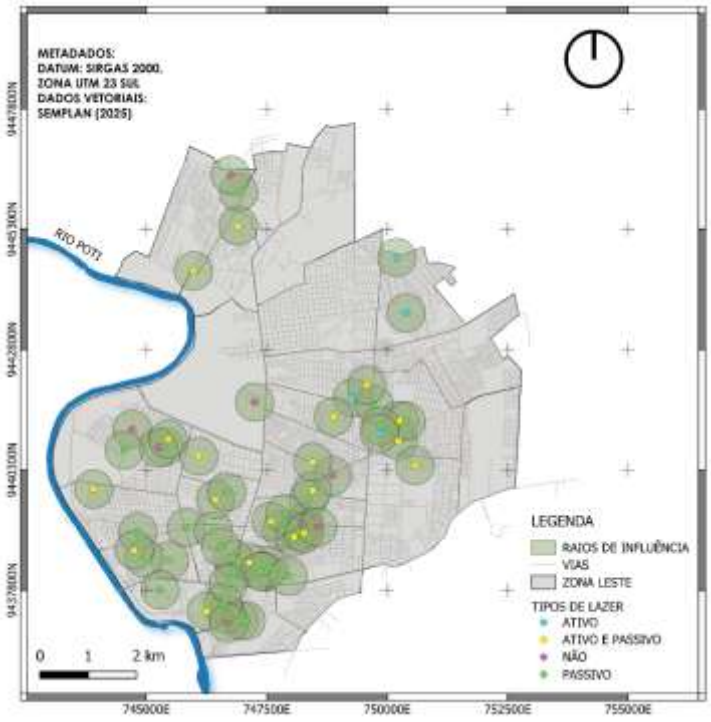
Figura 6: Distribuição das praças em relação à renda.



Fonte: Eunice Bandeira (2026).

De maneira geral, observa-se que a maioria das praças da Zona Leste de Teresina apresentam apenas equipamentos para lazer passivo: bancos para sentar; e, em menor escala, mesas para conversar e comer (Figura 7). Ao mesmo tempo, esse é um reflexo e se reflete no número crescente de espaços esportivos privativos – em geral mais valorizados pela sensação de segurança, variedade e controle – tendo em vista que esse núcleo é o que apresenta maior renda da cidade e ilustra o cenário de desigualdade social. À medida em que esses espaços privativos se distinguem pela possibilidade de seleção de quem os frequenta, os espaços públicos são a única alternativa àqueles que não têm como pagar pelo exercício do próprio lazer – e, infelizmente, como já dito anteriormente, não são suficientes em quantidade nem qualidade para abarcar a população que mais precisa deles.

Figura 7: Distribuição das praças em relação aos tipos de lazer.



Fonte: Eunice Bandeira (2026).

É comum que a maior movimentação nessas praças seja fruto de eventos realizados aos fins de semana, que agregam também a população dos bairros adjacentes. Na Praça Centenário (Figura 8), no bairro Ininga, por exemplo, é comum que sejam realizadas feiras de artesanato e brechó aos domingos, pela manhã, enquanto que na Praça das Violetas (Figura 9), no bairro São Cristóvão, é comum haver feiras de gastronomia e arte voltadas ao público jovem; porém, destaca-se que alguns eventos realizados nesta última prova eram pagos e restritos, a exemplo do Carnaval de 2026 – mais um exemplo de como a cidade, e especialmente o núcleo central da Zona Leste, escancaram as desigualdades mesmo em espaços de usufruto público.

Figura 8: Feira de Artesanato na Praça Centenário, Bairro Ininga.



Fonte: @oxenthefeirinhathe, via Instagram (2026)

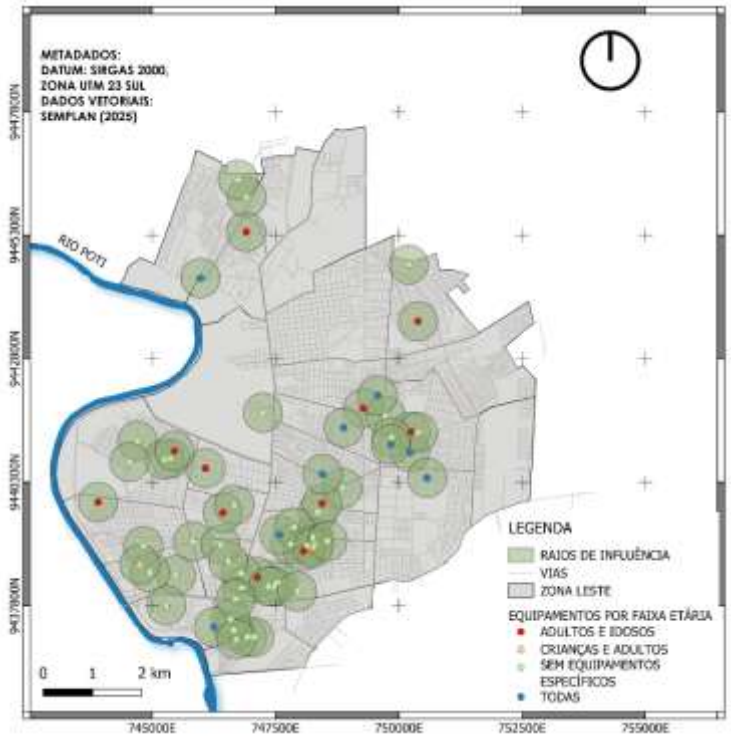
Figura 9: Evento Gastronômico na Praça das Violetas, Bairro São Cristóvão.



Fonte: @feirinhadasvioletas, via Instagram (2025)

Quanto à distribuição de equipamentos por faixa etária (Figura 10), nota-se um grande déficit de equipamentos para crianças e idosos. É necessário apontar, porém, que não se teve acesso às faixas etárias das populações por bairro e zona atualizadas com o censo de 2022 do IBGE, fator que poderia fundamentar mais problemáticas quanto a essa distribuição de equipamentos que atendam a todas as idades. Já quanto aos padrões de uso, destaca-se a superioridade da tendência de atividades de baixo impacto individuais nos espaços livres, o que pode indicar que a prática de exercícios físicos em contato com o verde sugere um caráter mais contemplativo e terapêutico para os usuários que frequentam esses parques e praças a fins de atividade física. No caso dos espaços livres com presença de quadras, nota-se a predominância de crianças e jovens, sobretudo no período noturno, e a concentração concomitante da venda de comida, que dá vida aos locais nesses horários.

Figura 10: Distribuição das praças em relação ao lazer específico por faixa etária.



Fonte: Eunice Bandeira (2026).

Dentre as principais problemáticas, pode-se citar a ausência de infraestrutura e manutenção adequadas, que se manifestam enquanto: ausência de calçadas ou patologias nos caminhos existentes, carência de sombreamento para conforto térmico nos espaços de permanência, vegetação arbustiva alta (Figura 11), equipamentos quebrados ou falta de equipamentos, depósito inadequado de lixo, e uso desses espaços como estacionamento.

Figura 11: Ausência de manutenção da vegetação e insuficiência de calçadas na Praça Vitalino Bezerra, bairro Horto Florestal.

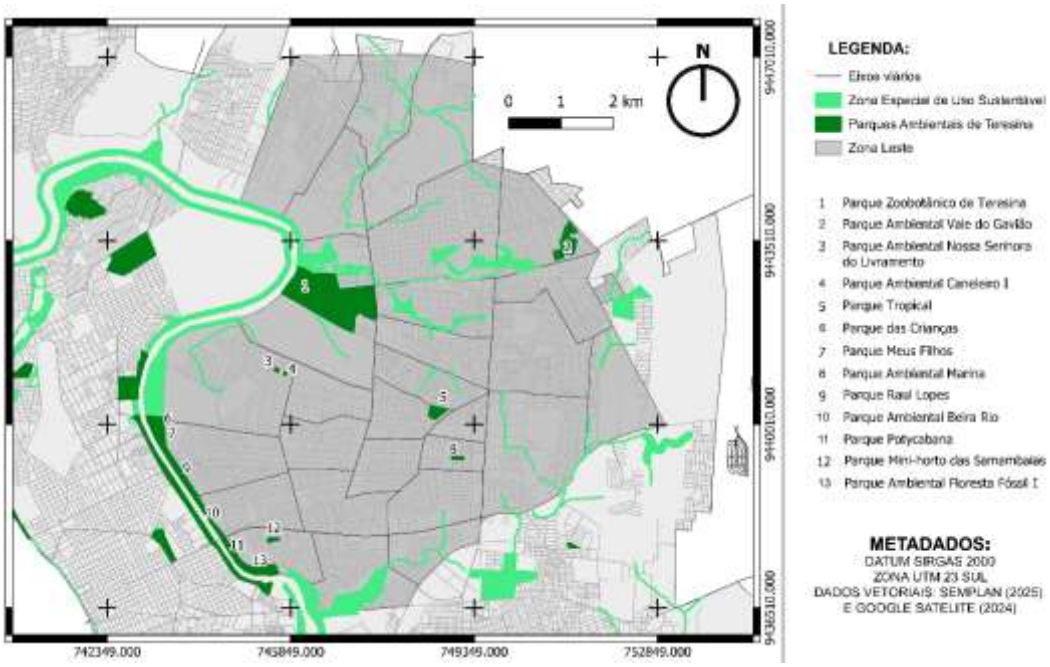


Fonte: Eunice Bandeira (2026).

Quanto aos parques da Zona Leste (Figura 12), sabe-se que são a porcentagem de maior relevância na cidade, representando 35% da quantidade total (Rocha *et al.*, 2025). Tem-se uma diversificação em seus perfis de uso, motivada sobretudo pela sua localização e relação com o entorno: os parques próximos aos shopping centers têm perfil mais comercial, esportivo e gastronômico – com exceção do Parque Floresta Fóssil, que é especificamente voltado à preservação ambiental; já os parques mais isolados, como o do Vale do Gavião, Tropical, Marina, Nossa Senhora do Livramento e Caneleiro, são parques com pouco ou nenhum equipamento e uso pela população, de maneira a focar apenas em seu caráter ambiental.

O Parque das Crianças, por sua vez, oferece lazer gratuito e ao ar livre, porém enfrenta diversos desafios tanto por sua infraestrutura precária – ausência de calçadas; banheiros inutilizáveis; equipamentos em pouca quantidade, quebrados e/ou com falta de manutenção —; quanto pela concentração dos equipamentos em apenas uma área, o que gera a subutilização do terreno, e pela dificuldade de acesso (Silva *et al.*, 2025). É necessário destacar, ainda, que ele surgiu como uma compensação ambiental feita em razão da construção do supermercado Assaí próximo à margem ribeirinha, e ainda sofre com a pressão imobiliária e a ausência de investimentos.

Figura 12: Parques da Zona Leste de Teresina – PI.



Fonte: Mariana Rocha, 2025.

Quanto à distribuição dos parques, tem-se que a maioria é ribeirinho e se estendem tanto aos critérios de preservação ambiental quanto aos de lazer. Pode-se analisar cada parque e seus respectivos critérios no Quadro 2.

Quadro 2: Parques da Zona Leste

BAIRRO	NOME	CONSERVAÇÃO	EQUIPAMENTOS	SOMBREAMENTO
Fátima	Meus Filhos	Ótimo	Quadras de areia, campo Society, playground, arvorismo, restaurantes, pista de caminhada, deck, creche, bancos e mesas.	Regular
Fátima e Jóquei	Raul Lopes	Bom	Aparelhos de ginástica, bancos de madeira e concreto, calçada de caminhada, quiosques de alimentação, campo de futebol, petplace, mirante, trilhas	Regular
Ininga	Ambiental Caneleiro I	Péssimo	Bancos	Bom
	Nossa Senhora do Livramento	Péssimo	Bancos	Bom
	Das Crianças	Regular	Hortas educativas, casinha de madeira, playground, píer/deck, trilhas ecológicas, ecobrinquedoteca	Bom
Jóquei	Ambiental Beira Rio	Bom	Trilhas, quiosques (alimentação e floricultura), bancos e mesas, calçada para caminhadas e cooper	Regular
Campestre	Marina	Regular	Bancos, trilhas, campinho de futebol	Bom
Noivos	Mini Horto	Péssimo	Inexistente	Bom
	Ambiental Floresta Fóssil	Regular	Trilhas ecológicas, centro de educação ambiental, delegacia do meio ambiente	Bom
	Potycabana	Bom	Quadras poliesportivas, quadras de areia, quadra de futebol, quadra de badminton, pista de skate, pista de cooper e caminhada, ciclovia, quiosques.	Ruim
Piçarreira	Tropical	Péssimo	Inexistente	Bom
Vale do Gavião	Vale do Gavião	Ruim	Campos de Futebol, academia	Regular

Zoobotânico	Zoobotânico	Ótimo	Arvorismo, pedalinho, pista de cooper, ciclismo e caminhada, quisques (alimentação), trilhas ecológicas, playgrounds, atividades culturais (feirinhas, cerâmica, pintura), observação de animais.	Bom

Fonte: Eunice Bandeira e Mariana Rocha (2025).

Quanto a esses parques, é preciso salientar que aqueles que apresentam estado de conservação "péssimo" são aqueles em que não há equipamento ou estrutura alguma, a impossibilitar seu uso pela população; enquanto que aqueles marcados com "ruim" possuem equipamentos em estado crítico, necessitando de manutenção urgente.

Destaca-se a importância dos parques Zoobotânico, Potycabana e Raul Lopes para a cidade, visto que são os mais frequentados em qualquer época do ano, sobretudo para a prática de atividades físicas. Dentre eles, destaca-se que o Parque Zoobotânico apresenta a maior diversidade de atividades para todas as faixas etárias, como pode ser observado no Quadro 2. Os três parques mencionados têm funcionamento estendido também para o período noturno – o que diversifica ainda mais seus públicos e sua possibilidade de utilização, visto que esse horário é o mais propício para a prática de atividade física ao ar livre, levando em consideração o clima excessivamente quente e seco da cidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi constatado que a configuração dos espaços verdes livres para a Zona Leste de Teresina ainda é deficitária e limita o seu uso, desde fatores como a falta de distribuição de espaços em zonas periféricas e socioeconomicamente vulneráveis, a falta de manutenção e cuidado com esses locais, além de fatores que fazem com que não sejam usados, ou que sejam usados de forma indevida e que resultam em a população não se identificar e se apropriar deles.

De início, foi traçado o panorama geral para identificação das áreas de maior vulnerabilidade dentro da zona Leste, a partir dos dados de renda per capita, densidade demográfica, presença de favelas e comunidades, índices de violência (roubos, assaltos e mortes violentas intencionais) e adoecimento. A partir disso, concluiu-se que os bairros mais vulneráveis dentre os estudados são aqueles nos extremos da cidade, por dois motivos principais: o primeiro deles, pela soma de dados críticos negativos – como por exemplo os maiores índices de violência, menor renda, maior irregularidade urbana e falta de infraestrutura (vilas e favelas) e maiores índices de adoecimento; e o segundo, pela falta de informação nas respectivas pesquisas.

Os bairros mais vulneráveis da Zona, levando em conta o primeiro fator, são: Satélite, Samapi, Pedra Mole e Vale Quem Tem. Além desses bairros, há alguns que se enquadram no segundo motivo (falta de dados), por serem bairros ainda mais recentes e mais isolados – estes também podem ser citados como vulneráveis pela sua precária infraestrutura, a exemplo do Verde Lar, Árvores Verdes, Tabajaras e Socopo.

Já em análise para a distribuição dos espaços verdes livres e seus respectivos raios de abrangência, tem-se que as regiões periféricas da cidade são as mais prejudicadas. Em sobreposição aos dados de vulnerabilidade social, observou-se que a maioria desses bairros que têm deficiências de praças e parques devidamente estruturados são os mesmos que apresentam soma de critérios de precariedade, ou mesmo os que não possuem informações sobre os dados pesquisados. Exemplo disso são os bairros Morros, Verde Lar, Socopo, Árvores Verdes e Novo Uruguai, que não apresentam praças e parques públicos.

Além disso, a considerar os raios de abrangência de cada praça, tem-se a precária distribuição para áreas de menor renda ou áreas de vilas e favelas – muitas das quais têm grande densidade populacional e altos índices de violência – em toda a extensão da Zona estudada, mesmo nas regiões mais centrais. Como destaque a esse fator, citam-se os bairros: Pedra Mole, Cidade Jardim, Socopo, Vale do Gavião, Porto do Centro, Satélite, Samapi, Santa Lia, Campestre, Santa Isabel, São João, Vale Quem Tem e Verde Lar.

Assim, com a soma e comparação de todos os dados, pode-se citar como mais vulneráveis em qualidade de vida, para a zona Leste, os bairros Satélite, Vale Quem Tem, Verde Lar e Árvores Verdes.

Já em um critério qualitativo para os espaços públicos, pode-se destacar como problemáticas: a pouca oferta de equipamentos específicos para crianças e idosos; a deficiência no sombreamento para conforto térmico em áreas de permanência e a falta de manutenção – ou mesmo ausência – das calçadas, da vegetação e dos equipamentos. Foram identificados, por exemplo, quatro parques que não possuíam sequer estrutura ou pavimentação – e assim, não possuem valor social para a respectiva zona em que se encontram e nem para a cidade como um todo.

Quanto à possibilidade de lazer, notou-se que há maior realização do lazer passivo em grupo e do lazer ativo individual. Áreas periféricas têm déficit de equipamentos de acordo com a faixa etária: na Zona Leste, há menos praças com equipamentos para crianças e idosos; embora os principais parques abarquem uma maior quantidade de equipamentos infantis.

De uma maneira geral, tem-se que a predominância de uso dos espaços livres é diurna, exceto para alguns parques e praças que possuem quadras, para as quais o uso se estende principalmente ao fim de tarde/início da noite, devido à amenização das temperaturas. Além disso, observou-se a grande utilização desses espaços livres para eventos culturais como feirinhas de venda de artesanato, plantas e comida.

Verificou-se que cada região possui especificidades e tendências na apropriação do espaço urbano, que deveriam ser melhor exploradas para a concepção de projetos futuros: exemplo disso é a busca por atividades de lazer passivo em grupo e atividades de lazer ativo individuais e de atividades físicas de baixo impacto. Assim, destacam-se grandes potenciais para aproveitamento de áreas verdes que concomitantemente se relacionem com a população e permitam a preservação de recursos ambientais. A grande disponibilidade de áreas vegetadas, especialmente próximas aos cursos d'água, são uma grande oportunidade para que Teresina desenvolva seu aspecto afetivo com o verde para além do aspecto ambiental – tendo em vista que já são áreas protegidas por legislação –, e evolua em aspecto biofílico e educacional.

A apropriação de populações pelo espaço público, como as festividades sazonais realizadas ao ar livre, com possibilidade de encontro para todas as idades; ou mesmo a tradição de correr na Avenida Raul Lopes, à beira do Rio Poti, e a presença de parques com diversas atividades

culturais, educacionais e de lazer são grandes pontos positivos a serem aproveitados, desenvolvidos e replicados em projetos e requalificações futuras.

Assim, nota-se a importância de estudos que abordem a relação das áreas verdes com a qualidade de vida e, sobretudo, a respeito dos fatores que possibilitam a identificação das pessoas com esses espaços para a sua utilização, levando em conta os critérios climáticos, culturais, históricos e sociais da população. Sugere-se, portanto, que mais pesquisas nesses âmbitos sejam realizadas futuramente – tanto para atualizar o presente estudo, quanto para abordar as demais áreas de Teresina, a fim de fortalecer as bases locais para um planejamento urbano mais humanizado e sustentável às autoridades cabíveis. Sabe-se que a busca pela qualidade de vida e a garantia de fatores de saúde é um tema cada vez mais recorrente e deve coexistir em meio à memória cultural, à preservação ambiental e às inovações científicas e tecnológicas para um futuro mais harmonioso em todos os aspectos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq, pela bolsa vinculada à Chamada CNPq nº 4/2021 – Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ), Processo nº 315599/2021-9 e pela bolsa vinculada ao Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), concedidas a Maria Eunice Barbosa Bandeira e Wilza Gomes Reis Lopes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lorena Sampaio; COTA. Ana Lídia Soares; RODRIGUES, Diego Freitas. Saneamento, Arboviroses e Determinantes Ambientais: impactos na saúde urbana. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 10, p. 3857-3868, 2020.

CAIAFFA, W.T.; FERREIRA, F.R.; FERREIRA, A.D.; OLIVEIRA, C.Di L.; CAMARGOS, V. P.; PROIETTI, F. A. Saúde urbana: “a cidade é uma estranha senhora, que hoje sorri e amanhã te devora”. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 6, p.1785-1796, 2008.

FREITAS, Clodoaldo. **História de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Mosenhor Chaves, 1988.

FONTENELE, L. **Dados apontam os bairros mais perigosos de Teresina em 2022; zonas Leste e Norte lideram.** Portal Clube News: Teresina, 29 mar. 2023. Disponível em: https://portalclubenews.com/2023/03/29/dados-apontam-os-bairros-mais-perigosos-de-teresina-em-2022-zonas-leste-e-norte-lideram/. Acesso em 11 jul. 2025.

GOOGLE EARTH. **Google Earth website**. http://earth.google.com. 2024.

GUIMARÃES, Thais. Veja os bairros de Teresina com mais casos confirmados de covid-19. **G1 Piauí.** Teresina, 5 set 2021. Disponível em: https://www.gp1.com.br/pi/piaui/noticia/2021/9/5/veja-os-bairros-de-teresina-com-mais-casos-confirmados-de-covid-19-509367.html. Acesso em 30 mar. 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html. Acesso em: 15 ago. 2025.

LABAKI, Lucila Chebel; SANTOS, Rozely Ferreira dos Santos; BUENO-BARTHOLOMEI, Carolina Lotufo; ABREU, Loyde Vieira de. Vegetação e conforto térmico em espaços urbanos abertos. **Fórum Patrimônio**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 23-42, 2011.

LONDE, Patrícia Ribeiro; MENDES, Paulo Cezar. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. **Hygeia**. v. 10, n. 18, p. 264-272, jun., 2014.

LOPES, Isabela. Vila Irmã Dulce está entre as maiores favelas do Brasil, veja lista. **Portal O Dia**, Teresina, 08 nov. 2024. Disponível em: https://portalodia.com/noticias/piaui/vila-irma-dulce-esta-entre-as-maiores-favelas-do-brasil-veja-lista-419929.html. Acesso em: 24 mar 2025.

MARREIROS, Lucas. Teresina é a 2ª cidade com maior taxa de furto e roubo de celulares no país, aponta Anuário de Segurança Pública; Secretaria diz que programa de recuperação reduziu subnotificações. **G1 Piauí**. Teresina, 18 jul. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2024/07/18/teresina-e-a-segunda-das-10-cidades-com-maiores-taxas-de-furto-e-roubo-de-celulares-no-pais-diz-anuario-de-seguranca-publica.ghtml Acesso em: 30 mar 2026.

MATOS, F. L. Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades: o caso da cidade Porto. **Observatorium**: Revista Eletrônica de Geografia, v. 2, n. 4, p.17-33, jul. 2010.

MIRANDA, L.H.; MORATO, R.G.; KAWAKUBO, F. S. Mapeamento da Qualidade de Vida Urbana em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, v. 24, p. 24-36, 2012

MORATO, R.G.; KAWAKUBO, F.S.; PRESOTTO, A.; LUCHIARI, A. Avaliação da Qualidade de Vida Urbana em Taboão da Serra/SP – Brasil. *In:* SILVA, A. N. R. DA; SOUZA, L. C. L. DE; MENDES, J. F. G. (Eds.). **Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável**: Desenvolvimentos recentes no Brasil e em Portugal**.** Brasília: Ministério das Cidades, 2005. p. 271-286.

QGIS. **QGIS: Spatial without compromise.** https://qgis.org/. 2026

ROCHA, M.A., MATOS, K.C., LOPES, W.G., BANDEIRA, M.E., SILVA, F.K. Estudo da Rede de Parques Urbanos de Teresina, Piauí. *In:* Anais do Seminário Internacional Projetar: Reexistir no Mundo Contemporâneo - interpretar, conservar e transformar. **Anais eletrônicos [...]** Pelotas (RS) UFPel, 2025. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/projetar2025/1125765-ESTUDO-DA-REDE-DE-PARQUES-URBANOS-DE-TERESINA-PIAUI. Acesso em: 10/03/2026.

ROUBOS tiveram queda de 28% em 2020 em Teresina, diz Secretaria de Segurança. **G1 Piauí**. Teresina, 13 jan. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/01/13/roubos-tiveram-queda-de-28percent-em-2020-em-teresina-diz-secretaria-de-seguranca.ghtml Acesso em 30 mar. 2026.

SATÉLITE é o bairro com maior número de casos confirmados de dengue em Teresina. Jornal Cidade Verde. Teresina, 25 maio 2024. Disponível em: https://cidadeverde.com/noticias/414023/satelite-e-o-bairro-com-maior-numero-de-casos-confirmados-de-dengue-em-teresina. Acesso em 30 mar. 2026.

SILVA, F. K.; MATOS, K. C.; LOPES, W. G.; ROCHA, M. A.; SANTIAGO, D. R. Entre o Brincar e o Planejar: Análise do Parque das Crianças, Teresina-PI. *In:* Anais do Seminário Internacional Projetar: Reexistir no Mundo Contemporâneo - interpretar, conservar e transformar. **Anais eletrônicos [...]** Pelotas (RS) UFPel, 2025. Disponível em:

https//www.even3.com.br/anais/projetar2025/1128334-ENTRE-O-BRINCAR-E-O-PLANEJAR--ANALISE-DO-PARQUE-DAS-CRIANCAS-TERESINA-PI. Acesso em: 10/03/2026

SZEREMETA, Bani; ZANNIN, Paulo Henrique Trombetta. A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades. **Revista Ra'e Ga**, Curitiba, v. 29, p.177-193, dez., 2013.

TERESINA. Prefeitura Municipal de Teresina: Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação. **SAAD Leste: Perfil dos Bairros.** Teresina, 2025. Disponível em: https://semplan.pmt.pi.gov.br/sdu-leste/. Acesso em: 10 mar. 2026.